

Os contos que grasnam em nós!

O Ato de Contar histórias como possibilidade de organização de acontecimentos daquele que conta e daquele que ouve.

Sandra Maura Milan Gualda
FACON – Faculdade de Conchas

RESUMO: Este ensaio visa apresentar a importância do ato de ouvir e contar histórias como caminho para organizar as experiências daqueles que contam e daqueles que ouvem com vista a possibilitar a partilha dessas experiências. Para isso, busca-se estabelecer uma relação entre a história da pesquisadora e suas experiências como contadora de histórias, com professores/narradores, filósofos e performers, a fim de demonstrar a potência e a capacidade que o ato de ouvir e narrar histórias desempenha como gerador de fluxos de transformações nos envolvidos.

Palavras-chave: Histórias. Experiências. Fluxos.

MALA DE EXPERIÊNCIAS - CONVITE

Neste ensaio convido você leitor, para ler e ver o que tem dentro da minha mala de experiências. Aqui pretendo levantar, por meio das minhas experiências, a importância da escuta para a organização de acontecimentos, tanto daquele que conta quanto daquele que ouve.

Quando me refiro a acontecimentos, aponto aquilo que nos atravessa, que nos acontece, nos afeta, nos toca quando estamos expostos, vulneráveis, aquilo que nos deixa marcas. E não o que acontece, que se passa tal como uma atividade, uma ação, ou uma informação. (LAROSSA, 2001: p.23)

Trago nesse ensaio a importância de ouvir histórias, contos, causos, ouvir o outro e acima de tudo a si mesmo a partir de uma narração de histórias a fim de proporcionar um olhar para dentro, um passeio interno, um olho virado que nos levam a descobertas internas, que nos levam a momentos de fantasia e de realidade, de ressignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de vida, de expressividade.

É certo que aqui estarão dispostas muitas questões que não estão nem próximas de terem uma conclusão. Com base em tudo que vivi até o momento que escrevo, venho dialogar com você leitor, minhas apreensões pessoais e nada do que aqui eu fixar, diz ser tudo o que penso e principalmente ser uma verdade absoluta. Encontro-me, ainda, até esse momento, sob o processo da experimentação na arte de narrar histórias como forma de vincular, para mim e para o ouvinte cúmplice¹, processos de relação, de transformação, de deslocamento interno, de um olhar para dentro.

Como pesquisadora de uma proposta altamente sem chão – ainda – o que percebo é que as perguntas que me fiz a um ou dois anos atrás – que talvez tenha chegado próximo de alguma resposta – me trouxe mais e mais questões a serem respondidas. Sei onde quero chegar, portanto, me faltam palavras ou caminho único de explicar. Isso só demonstra o quanto a minha andança me faz trilhar caminhos diferentes para compreender o que a arte de contar histórias proporciona ao narrador e ao ouvinte cúmplice quanto a esse olhar para dentro, ou o passeio que o conto faz em nós.

Busco incessantemente esse caminho único que possa me nortear, mas a cada dia, compreendo que tenho de percorrer por diferentes ramos do conhecimento e tentar estabelecer relações entre eles para explicitar como e o que pretendo realizar na arte de narrar histórias. Sendo assim, vou me ater as minhas experiências e indagações, inquietações, dúvidas e as respostas que consegui até o momento dessa escrita, relacionando com alguns narradores de histórias, filósofos e performer.

Não digo que essa pesquisa parará nesse ensaio, muito pelo contrário, como se trata de algo que realmente pulsa em minha alma, acredito que encontrando ou não respostas para as minhas dúvidas de hoje, no momento em que você leitor, se deparar com essa minha mala de experiências, eu possa dizer está tudo certo ou não mais concordo com que aqui revelei ou tenho outras inquietações que me levam a outras respostas.

¹ A presente expressão encontra-se na abertura do capítulo 11 -A performance – p.219, da obra A LETRA E A VOZ (1993), de Paul Zumthor. Não há nenhum conceito claro sobre essa expressão no livro, porém, optei por usá-lo neste artigo por explicitar muito bem a maneira como vejo o ouvinte da narração de histórias, um cúmplice, aquele colabora com o narrador, na realização de alguma coisa, um parceiro.

Abrirei minha mala de experiências, no qual passearemos por dentro ora expandindo, ora retraindo, um passeio interno e mostrarei a você leitor, alguns dos souvenirs que nela carrego, ou seja, algumas lembranças, memórias, um pouco do que fui adquirindo na minha trajetória de vida.

SOUVENIR 1

Sou uma mineira de corpo e alma. Nascida na cidade de Uberaba, no Estado de Minas Gerais.

Após o falecimento do meu pai adotivo, no meu sétimo aniversário, nos mudamos para o que chamo de “pedacinho do bairro”, que foi meu recanto até os 21 anos. Esse “pedacinho do bairro” são três ruas paralelas nas quais morei, ruas extremamente extensas, abarrotadas de crianças que após as 18h saíam de suas casas para brincar. As lembranças dessas ruas alimentam minha alma.

Tente imaginar como era!

Saía da escola as 17h, voltava para casa caminhando, acompanhada por muitas outras crianças. De fato, um bando de crianças, correndo, gritando, brincando e falando dos episódios do dia. Não posso afirmar como é hoje, mas na minha infância, crianças que moravam próximas a escola no qual estudavam, voltavam para casa despreocupadamente sem a companhia de um adulto, carregando suas mochilas nas costas e as lancheiras nas mãos que muitas vezes nos serviam de ferramentas de ataques ou defesas das brincadeiras.

Ao longo do caminho, numa reta quase sem fim, o bando ia diminuindo, íamos nos separando, cada um virando a esquina que lhe servia de direção a casa. Os gritos causados pelas brincadeiras iam cessando sempre mais, e a calma passava a me fazer companhia até a curva acentuada onde o silêncio se instalava até chegar em casa. Lá, colocava a mochila e a lancheira no quarto, o único da casa, trocava de roupa e rumo a rua novamente.

Uma, duas, três, quatro... pouco a pouco as crianças saíam de suas casas e a rua ia ganhando vida, o silêncio dava adeus, o barulho dizia olá até o momento crucial no grupo, decidir qual das três ruas iríamos brincar. Normalmente, a rua escolhida era aquela na qual os gritos e risadas das brincadeiras já haviam se acomodado.

Sempre tinham dois ou mais adultos para a nossa segurança e lá pelas 22h, a porta do bar na esquina se fechando, nos avisavam que já era a hora de voltar para casa.

Na primeira rua que morei nesse “pedacinho do bairro”, vivíamos numa casa de fundo. Nela criei as maiores histórias de terror da minha vida. Visto que para entrar na casa, tínhamos que passar por um corredor comprido e escuro, onde de um lado era a parede da casa da frente e do outro, um muro que nos separava de um terreno onde havia uma mangueira muito alta, a iluminação da rua provocava sombras assustadoras na parede da casa da frente.

Até o momento de voltar para casa tarde da noite, aquele corredor era apenas um caminho que me levava para a vida, para a alegria, para a rua, mas ao retornar, o medo que sentia em ter que subir aquele corredor escuro e sem fim, era, sem dúvida, o meu maior desafio diário.

Esporadicamente, parava no portão e gritava pela minha mãe várias e várias vezes e como a mulher maravilha, ela surgia, colocava as mãos na cintura e então, magicamente, o corredor se tornava uma passarela iluminada e segura sem nenhum obstáculo.

Porém, meus chamados não eram escutados na maioria das noites, e estagnada no portão diante do corredor, aquele gigantesco monstro, como a rua, ia ganhando vida. Monstros e demônios iam surgindo, personagens baseados nas histórias que minha mãe contava para me manter nos eixos, já que eu não era nada fácil.

Uma delas, a mais marcante, foi sobre um palavrão que eu havia aprendido. Na verdade, nem é um palavrão, é uma palavra que define a perda das boas graças, ou seja, Desgraça. Bem, para a minha mãe é um palavrão.

Ela dizia que a Desgraça era uma mulher que morava dentro de balaios de bambus com tampas e era casada com o famoso Capeta - lembrando disso agora, não dá para não rir.

A história era simples e assustadora, pois se tratava de algo que havia acontecido com alguém bem próximo.

Era assim....

- Sabe a Dita? Perguntava minha mãe.

- Sei!

- Pois é! Um dia, ao voltar do trabalho, ela foi se preparar para tomar um banho. Naquele dia, ela estava muito cansada. Foi até o quarto, separou a roupa que usaria, pegou a toalha, seguiu para o banheiro e ao ligar o chuveiro, deu uma queda de energia. Então, ela gritou:

- Ô DESGRAÇA! E logo em seguida, ouviu: - Você me chamou? - Quando a Dita se virou para ver quem era, viu uma mulher com os cabelos todos desganhados, uns dentes enormes, olhos vermelhos, simplesmente horrível. Aí, ela desmaiou. Desde esse dia, a Dita nunca mais falou esse palavrão. Pergunte para ela se isso não aconteceu! E se você continuar dizendo, um dia ela vai aparecer para você, se não ela, o marido.

Eu sabia que isso jamais aconteceria. Mas, como qualquer mãe, a minha tinha o dom de me deixar desconfiada. Apontou o dedo para mim, com o olhar de canto de olho e disse: - Bom, depois não diga que não te avisei.

Não precisou mais que isso para me deixar em estado de alerta. Nos dias em que eu proferia o palavrão, era o maior terror passar por aquele corredor. Após belos momentos de recreação na rua com meus amigos detinha-me na frente do portão e ali iniciava outra jornada de aventuras um pouco menos divertida.

Me imaginava atravessando o corredor e sendo capturada por uma mulher pútrida, de cabelos embaraçados, olhos avermelhados e dentes enormes. Em meio a fumaça, desaparecíamos, sem deixar nenhum vestígio, aparecendo solitária em uma sala escura, onde eu passaria o resto da minha vida com medo. Outras vezes, era capturada pelo marido dela, que me agarrava pelo pescoço e, num clássico tom de zombaria, me levava até ela. Era sempre a mesma mulher que habitava minhas imaginações temerosas. A maldita Desgraça.

Não sei por quanto tempo permanecia nessas viagens ao centro da terra do medo. Minha mente fértil criava situações terríveis, enquanto era invadida por um calafrio que começava nos pés e, como um elevador de cargas, transportava o medo pelas minhas pernas, joelhos, quadril, barriga e ao chegar no último andar, descia eletricamente numa queda livre me conscientizando de que eu ainda estava diante do portão.

Esse choque que me trazia para a realidade, me impulsionava a vencer o medo. Ouvia minha respiração ofegante, curta e eu gritava internamente “VAI! “. E assim, correndo, encarava aquele monstro escuro e quase sem fim. Quando o corredor terminava, colocava as mãos nos joelhos e respirava a vitória, e confiante

dizia: “*Viu? Nada disso existe!* “. Na noite seguinte, estava eu embarcando para o centro da terra do medo novamente.

Confesso que até hoje o “palavrão” me causa arrepios, não gosto de dizer e muito menos ouvir. O que suaviza nesta história, é que a morada durou pouco tempo, logo nos mudamos para a rua de baixo.

A segunda rua era muito melhor, as mães sentavam nas calçadas para conversar enquanto brincávamos. As brincadeiras de pique-pega, roubar bandeirinha, queimada, elefantinho colorido, não tinham fim e nem idade, muitas vezes as mães entravam nos jogos. Eram crianças, adolescentes e adultos que formavam seus grupinhos, mas na hora dos jogos, principalmente bets (taco) e queimada, todos se tornavam crianças.

Eventualmente, cansada de brincar e curiosa para saber o que as mulheres tanto conversavam e riam, eu deixava as brincadeiras e me sentava ao lado delas. Assim, ouvia muitas histórias de vida e eu adorava escutar as conversas.

Espantosamente, de quando em quando, dava conselhos. Me intrometia nos assuntos como gente grande, aconselhava mulheres que tinham famílias construídas e/ou destruídas, e, curiosamente, com o tempo, passaram a me solicitar para opinar em alguns assuntos. Com isso, ganhei a expressão *alma velha*.

Como podem notar, eu não fui uma criança que ouvia histórias de príncipes e princesas, minha infância foi banhada de brincadeiras na rua e histórias reais e "educativas", regados a cafés e pães de queijo.

Minha mãe me narrava sua história de vida, sobre sua infância na fazenda com a avó, depois com o pai, e assim, sucessivamente. Adorava cantar suas músicas preferidas. Com minha cabeça em seu colo, despejava seu repertório de canções antigas que a faziam lembrar do passado feliz e longínquo.

Meu pai adotivo, talvez tenha narrado algumas histórias folclóricas. Trago vagas lembranças de nós dois deitados na cama, onde ele, ora com a cabeça debaixo do lençol, ora com a cabeça para fora, imitava a voz da Cuca. Mas, não sei dizer se isso realmente de fato aconteceu ou se foi criação imaginária devido a vontade de me preencher de escutas e lembranças paternas.

Quase dois anos de pura alegria nessa rua de baixo. Nada de corredor escuro, mulher de olhos avermelhados no balaio.

Entretanto, as viagens ao centro da terra do medo, não pararam.

Quando nos mudamos para a terceira rua, conheci D. Marlene, a mãe da minha amiga, essa sim, nos contavam histórias folclóricas, contos e lendas. Ela narrava histórias da mula sem cabeça, do Saci Pererê, de lobisomens, da mãe d'água, entre outras tantas. Os personagens das histórias eram sempre relacionados as pessoas que conhecíamos, vizinhos ou parentes, tornando-os reais e próximos. Sentávamos no chão a sua volta e as viagens ao centro da terra do medo passaram a ser em conjunto. Mas, era um medo gostoso, recheado de risos, fazia-nos sentir saudade e vontade de coisas que nem conhecíamos ou tínhamos vivido.

Dizia ela que a mula sem cabeça, uma vez ao ano, descia a rua que cruzava a nossa, bem na esquina onde morávamos, e da janela de sua casa, dava para vê-la descendo e arrastando uma corrente. Isso nos era tão vivo, tão deliciosamente perigoso, que no dia referido, ficamos na janela atrás da cortina de trapo velho, esperando a mula sem cabeça cruzar a esquina.

Certa hora da madrugada, pudemos ouvir um trote de um cavalo, o tilintar de uma corrente. Era a mula sem cabeça! Fomos tomadas por uma euforia, um medo, uma alegria, tudo junto e misturado! Não podíamos acreditar! Muito menos olhar! Confesso que nos faltou coragem, já que nos foi avisado que se a mula pressentisse nossos olhares voltaria para nos levar para bem longe. Não nos contivemos de tanta excitação, acordamos todos da casa com nossa agitação.

Já o lobisomem foi noivo da nossa vizinha e se transformou ali mesmo, naquela rua.

Eram causos e mais causos! Eu ouvia, ouvia e vivia tudo atentamente. Essas histórias faziam daquela rua um lugar especial, pois tudo se passava ali. Era um verdadeiro ponto de passagem da cultura popular.

Nessa rua vivi o final da minha infância e parte da adolescência.

Aos 21 anos de idade, a *alma velha* saiu de Uberaba direto para Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo, para seguir rumo ao conhecimento acadêmico no curso de psicologia, acreditando que ouvir e aconselhar era minha vocação e que a psicologia clínica se resumia a isso.

Foi em uma sessão de psicodrama que experimentei a magia da interpretação e tudo passou a fazer sentido. Não era psicologia clínica que falava aos meus ouvidos. Ao olhar aquelas pessoas e receber seus olhares, povoados pela fantasia, pela imaginação e pelos sonhos que se articulavam como teias tramadas

com materiais simbólicos, no qual se ouvia as respirações, os batimentos cardíacos, era como se estivesse uma porta aberta onde tudo pudesse passar.

Não tive dúvidas, abandonei por completo a ideia de me tornar psicóloga para me tornar atriz.

SOUVENIR 2

Durante a faculdade de Artes Cênicas comecei a dar aulas de teatro em Núcleos de atendimento a criança e ao adolescente e, devido a um comportamento violento que exerciam umas com as outras, passei a narrar contos. Eu havia lido em algum lugar que as histórias poderiam ajudar em casos como esses, e realmente ajudou. Após poucas semanas, as crianças esperavam ansiosas pelas aulas e o respeito e o cuidado umas com as outras foram nos fazendo companhia, o ouvir e acolher de ideias foram se tornando constante.

Foi narrando histórias para essas crianças, numa sala de aula acoplada a um pátio, sem esquemas de iluminação, sem sonoplastia e sem palco, que algo me atravessava. Havia uma intimidade, uma proximidade, não era a artista em sua grande área e o público em suas cadeiras, era apenas eu e elas, ali, sentados no chão sentindo o calor um do outro, ouvindo a respiração alternando, interagindo e agindo, numa troca constante de interjeições, de imagens e de histórias.

Era um fluxo diferente do qual eu havia sentido no teatro, não era melhor ou pior, apenas diferente.

Era um fluxo vibracional que ia e vinha, um movimento que eu não sabia onde e quando havia iniciado. Um acomodamento interno. O ato de preparar as histórias, desde a escolha até o narrar, era um ato de entrega, de disponibilidade. E confesso aqui, que por diversas vezes, a história preparada para a semana, não era narrada, pois o encontro com os alunos me levava para outro lugar, onde tudo o que eu tinha organizado, era bagunçado, era des-construído, e uma outra história surgia, uma outra aula se dava. Era um florescer, um desabrochar a cada aula, sentia que a “alma velha” há muito estava “nova”.

Aqueles encontros-aulas desbravavam caminhos desconhecidos e no percurso me abasteciam de alegria, de beleza e de descobertas, que me faziam sentir deliciosamente perdida e sem controle, completamente aberta ao espaço para ouvir o som sutil das relações.

Mas, o fato mais interessante de toda essa história é que eu não percebia ou talvez não admitia, que essas experiências me transformavam, apesar de serem visíveis. Todas as sensações e deslocamentos internos que se davam em mim nos encontros com as crianças eu atribuía somente a um estado de euforia por alcançar um objetivo, o de provocar mudanças em seus comportamentos com as histórias que eu narrava.

SOUVENIR 3

Após alguns anos é que comecei a trabalhar profissionalmente com contação de histórias e foi num encontro com uma diretora, que notei que o ato de narrar histórias também me transformava. Não de forma racional, ou seja, de uma forma que eu sabia racionalmente onde e o que havia se transformado em mim, mas que esses fluxos de sensações me provocavam olhares distintos. Cito Suely Rolnik para elucidar o que quero dizer:

“Sensação” é precisamente isso que se engendra em nossa relação com o mundo para além da percepção e do sentimento. Quando uma sensação se produz, ela não é situável no mapa de sentidos de que dispomos e, por isso, nos estranha. Para livrarmos do mal-estar causado por esse estranhamento nos vemos forçados a “decifrar” a sensação desconhecida, o que faz dela um signo. Ora a decifração que tal signo exige não tem nada a ver com “explicar” ou “interpretar”, mas com “inventar” um sentido que o torne visível e o integre ao mapa da existência vigente, operando nele uma transmutação. (ROLNIK, 2002, p.45)

Voltando ao encontro. Certo dia do ano de 2013, fui em uma escola realizar uma contação de histórias. Esse foi um ano que trabalhei muito em escolas e nesse dia qualquer, eu chequei mais cedo que o habitual. A convite da diretora, fomos almoçar. A conversa fluía de maneira prazerosa. Durante nosso diálogo, um conto não me saía da cabeça, semelhante ao que acontecia nas aulas com as crianças.

Eu tinha lido recentemente um conto chamado *O Vaso Chinês* e durante o almoço, minha voz interior me dizia para narrá-lo. Simultaneamente eu pensava que não havia sentido narrá-lo naquele momento, pois a conversa fluía por um viés completamente diferente do conto que martelava dentro de mim. Porém, não me contive e narrei para calar aquela voz que não me deixava em silêncio interno.

Ao terminar, senti tudo suspenso, a voz interior se calou e a diretora estava aos prantos. Fiquei apavorada, dentro de mim um silêncio total, não entendia nada do que estava se passando. Aos poucos, fui sentindo o tic-tac do tempo voltar a bater, tudo foi descendo e se acomodando, voltei a comer e a diretora, enquanto suas lágrimas caíam no prato de macarronada, me dizia que aquele conto a ajudou a entender o momento que ela estava vivendo, o porque da sua angústia e que o conto havia lhe mostrado que ela ainda era útil.

A narração daquele conto proporcionou a aquela mulher um encontro consigo, um olhar para um lugar que ela precisava visitar, mas não sabia qual o caminho tomar e "*A linguagem simbólica abre caminhos, alimenta a imaginação, nos reconecta com parcelas esquecidas de nosso ser*". (JULIANO, 1999: p.62).

E foi a partir daí que muitos questionamentos foram surgindo com relação a potência de narrar e ouvir histórias. Passei a me perguntar como as histórias podem nos auxiliar? Será que auxiliam? Como poderiam ajudar? E como elas nos fazem transformar? Como elas caminham em nós, nos tocando, nos afetando? São apenas as histórias que fazem isso ou a performance narrativa? E essas perguntas me levaram até aqui, nesse ensaio.

Certo dia, numa aula da Professora Andréia Sousa no curso de pós-graduação A Arte de contar histórias. Abordagens poéticas, literárias e performáticas, eis que ouço a afirmação feita por ela que me deslocou internamente. Andréia disse "*porque contar é preciso*". Ao ouvir essa afirmação, ela passou a fazer parte do conjunto de questionamentos que me cutucavam. E para a escrita desse ensaio, resolvi perguntar.

Por que contar é preciso?

Porque o mundo precisa de suavidade, de convivência criativa. Porque contar fragiliza diferenças, porque história cura alma, resgata emoções, porque manter e valorizar a oralidade é tão necessário quanto promovermos a paz, o equilíbrio! porque contar/narrar/ler histórias há de ser feito com naturalidade, com prazer, com entrega de alma para que o encantamento se dê, para que o maravilhoso nos penetre e nos faça mais crédulos, nos torne melhores, proativos, criativos. PORQUE CONTAR HISTÓRIAS evita o didatismo e a lição de moral e salva nossa necessidade de imaginação, de vôo! Porque contar histórias é valorizar as palavras bem ditas e benditas. Para

não perdermos nossa essência: HUMANOS! Para transmitirmos um convite prazeroso à leitura.²

Sua resposta foi de encontro a minha concordância, chegou a responder alguns de meus questionamentos. Porém, não me acalmou de todo. Algo saltava dentro de mim, se contorcia, não se acomodava. A afirmativa “*porque contar é preciso*” me parecia um meio, não um começo, um ponto de partida para as consequências, mas um meio, como se faltasse algo que procedesse à contar histórias. Ou talvez até fosse um ponto de partida, mas carecia de uma linha que compunha o entrelaçamento.

Contarei um caso muito pessoal e espero que não me julgue ou me vitimize, pois não é o caso aqui, conto esse episódio, como sendo mais um com a intenção de apresentar a potência da narração de história para mim e como ela responde alguns dos questionamentos acima e aquieta.

SOUVENIR 4

Quando eu tinha 8 e 9 anos eu vivi dois abusos sexuais, fui molestada por dois homens bem mais velhos e em momentos diferentes. Durante todos esses anos eu havia apagado completamente essas passagens na minha vida. Porém, poucos anos atrás uma situação nada parecida com o caso, me fez recordar desses episódios, resgatando as memórias do medo e da raiva contida em mim.

Uma angústia, um sufocamento me tomou, um desejo enorme de voltar no “pedacinho do bairro” e gritar ao mundo o que eles fizeram com o intuito de me esvaziar, de alentar, descativar.

Algum tempo depois, alguém, carinhosamente, me contou uma história de uma flor que era muito bela e perfumada e um dia um homem a viu e quis corta-la. Pegou a tesoura, foi até o jardim e a cortou. Mas, por mais que ele tentasse, seu perfume e sua beleza ele nunca conseguiu retirar.

Ao ouvir essa história um espaço se abriu dentro de mim e eu esvaziei, pude respirar o acontecimento sem resistência, sem amargura, senti que abandonei algo que me escravizava. Sorri nesse momento contando-lhe isso.

²E-mail recebido por Andréia Sousa em resposta a pergunta “porque contar é preciso?”. Professora do Curso de Pós-Graduação A Arte de Contar Histórias. Abordagens Poéticas, Literárias e Performáticas, FACON, São Paulo, 2016.

SOUVENIR 5

Agora, quero ir um pouco mais longe, se me permite.

Em todas essas experiências relatadas, como narradora e como ouvinte cúmplice, e as pessoas envolvidas, fomos inegavelmente afetados, atravessados por fluxos de sensações que nos aproximou desse lugar que não queríamos ou nem sabíamos como olhar, nos curou, nos deu um novo significado. **(só mudei de lugar, antes este parágrafo vinha antes do souvenir 5)**

E em todas elas percebo também a linha que faltava para o entrelaçamento, e essa linha é o ouvir.

É preciso contar? Sim, é preciso contar! Mas, para isso, é preciso ouvir.

Não me refiro apenas um ouvir histórias com o aparelho auditivo, mas também um ouvir com o corpo, num estado de presença, um ouvir com e sem palavras, sem conhecimento prévio, sem julgamentos, ouvir as imagens, a si, o conto, o outro, as comunicações sutis, as micros-percepções, aberto ao fluxo dos acontecimentos para que algo nos aconteça.

Segundo Larossa

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LAROSSA, 2001, p.25)

Quando escolho uma história para fazer parte do meu repertório, seja através de um livro ou de outro narrador, passo um tempo razoável na companhia da história até que ela passe por mim sem nenhum obstáculo. Para isso, eu narro a história para mim por diversas vezes e por diferentes situações do cotidiano, como por exemplo, tomando banho, lavando louça ou na sala onde imagino o público e ali a contação se dá.

Alguns narradores já afirmaram que esse é, se podemos dizer, um método que são utilizados por eles, um meio de dar vida as histórias, de sermos um canal de

passagem do conto ou de torna-las nossa como uma memória de vida, como uma mentira que se conta tantas vezes que a torna verdade. É nesse lugar que vamos ficar um pouco.

Ao contar e recontar a mesma história para si, vamos ouvindo atentamente e vamos criando imagens internas, assimilando os acontecimentos das histórias, conhecendo os lugares, vendo as cores, sentindo os odores e a história passa a fluir em nós e por nós. E desta forma, vamos revivendo, reinventando, recriando e ressignificando as nossas histórias pessoais.

Carinhosamente e despreziosamente, as histórias passeiam dentro de nós e acomodam as desordens, provocam desordens, ajustam os desequilíbrios, exibem nossas inquietações, provocam nosso interior, nos auxiliam a encontrar um sentido, um caminho, nos curam acalentando, abrindo espaço para um novo eu.

Portanto, contar é preciso, porque quando contamos, também ouvimos. Ouvir nessa qualidade nos abre espaços para conexões, transformações, para experiências e *“É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.* (LAROSSA, 2001, p.26)

As histórias nos fazem sujeitos da experiência. É quando, como ouvinte cúmplice e como narrador, ouvimos calmamente as palavras não ditas, bem-ditas e ditas, pela voz, pelos gestos, pelas imagens, pelas pausas, pelas respirações, pelos olhares trocados, pelas passagens, pelo tempo e espaço que abrimos em nós, pela relação com o outro e com o mundo.

Contar histórias é relacionar-se! Relacionar-se é vulnerabilizar-se, é expor-se a possibilidade que algo nos aconteça. Contar histórias é uma possibilidade para a experiência e ainda citando Jorge Larossa:

A experiência, a possibilidade que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que corre: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, 2001, p.24)

SOUVENIR 6

E para me ajudar a ajeitar essa mala de experiências, Lygia Clark em seu último trabalho *Estruturação do Self* (1976 a 1988), a artista apresentava uma série de objetos inesperados, que ela denominou de *Relacionais*, no qual ela ou o próprio sujeito aplicava-os no corpo. Ao que parece, esse trabalho era composto por algumas sessões.

Na primeira sequência a artista demonstrava no seu próprio corpo, como os objetos poderiam ser usados. O cliente³ se relacionava com o objeto com total liberdade, desmontando-o, destruindo-o, criando outro, transformando o objeto de sua condição de fim para uma condição de meio. Os objetos eram precários, feitos de materiais mais ordinários e seu significado nesse caso dependia de seu uso, assim como, da experiência corporal que dele fazia cada cliente. O uso e as experiências poderiam ser muitos.

Na segunda sequência, o cliente se despia ou ficava de sunga, deitava-se em um grande colchão vermelho, e Lygia passava os objetos no corpo desnudo do cliente, durante aproximadamente quarenta e cinco minutos. Terminada a sessão, Lygia pedia ao sujeito que espichasse seu corpo “feito bicho”. Nessa sequência os objetos eram descritos a partir das sensações que eles provocavam nos clientes e não pelas qualidades visuais.

Era a partir da relação com o objeto que o sujeito se expunha ao mesmo permitindo ser afetado, transformado por ele. O objeto deixava de ser independente e passava a ser apenas uma potencialidade que seria ou não atualizado pelo receptor.

O trabalho de Lygia caminhou sobre o viés da arte e da clínica. “*É um trabalho fronteira porque não é psicanálise, não é arte. Então fico na fronteira, completamente sozinha*”. (CLARK apud ROLNIK, sem data, p.05)⁴.

Não era arte e também não era clínica, era uma nova estrutura, era uma morte e um nascimento, onde o “eu” reduzia a função de trabalhar na resistência, na defensiva e passava a ajudar a favor da criação e do movimento de transformação.

³Nome que Lygia Clark dava à pessoa com quem desenvolvia a prática.

⁴Texto de Suely Rolnik sem data disponível em:

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Hibrido.pdf>

Em seu trabalho com *Objetos Relacionais*⁵ que deu início na década de 60, criou conceitos como o corpo bicho, um corpo que vibra, que é sensível aos efeitos dos fluxos dos universos que nos atravessam a cada momento de nossa vida.

Para ela, havia vários bichos nesse corpo, bichos que grasnam, mas ninguém ouve, envolvidos por um corpo ovo que brota estados intensos desconhecidos, provocados pelos fluxos de sensações que passeiam pra lá e pra cá, fazendo e desfazendo a tal ponto que o corpo não consegue mais expressar-se em sua atual figura, desta forma se entrega a morte para nascer um outro eu. Uma estruturação do self, no qual o sujeito da experiência tem a chance de aproximar-se de seu corpo vibrátil e acolher as exigências de criação impostas por seu corpo.

Quanto seres sou eu para buscar sempre do outro ser que me habita as realidades das contradições? Quantas alegrias e dores meu corpo se abrindo como uma gigantesca couve-flor ofereceu ao outro ser que está secreto dentro do meu eu? Dentro da minha barriga mora um pássaro, dentro do meu peito, um leão. Esse passeia pra lá e pra cá incessantemente. A ave grasna, esperneia e é sacrificada. O ovo continua a envolvê-la, como mortalha, mas já é o começo do outro pássaro que nasce imediatamente após a morte. Nem chega a haver intervalo. É o festim da vida e da morte entrelaçadas. (CLARK apud ROLNIK, sem data, p.1)

Lygia deu o nome de “estados de arte” aquilo que em nós escuta esse grasnar e Deleuze o nome de “estados de clínica” para aquilo que em nós cala. Para Lygia, o artista propõe um desmanchamento das formas em favor de novos fluxos que seu corpo vibrátil experimenta. (ROLNIK, s.d, p.6)

O meu corpo bicho grasna!

Lygia Clark por meio de seu trabalho com objetos relacionais proporcionavam aos clientes a possibilidade de experiência.

Ao meu ver e com base nas coisas que me aconteceram, a história é esse objeto relacional, tanto para o narrador quanto para o ouvinte cúmplice, que promove e que possibilita ao sujeito à experiência. Quero dizer, no sentido de nos expormos ao ato performático da narração permitindo ser afetado e modificado por ele, onde podemos abandonar nossas resistências e irmos ao encontro de nossa essência. É criado e criador. É fronteiro. É relacional.

⁵Modo como Lygia Clark atribuía a todos os objetos que utilizava nas sessões de *Estruturação do Self*

Não precisamos, de fato, ficarmos nus ao narrar/ouvir uma história, porém, pensando bem, por vezes ela nos tira devagar e docemente, sem que percebamos, nossas vestimentas, nossas camadas. Também não esfregamos a história ou narrador em nosso corpo, mas despidoradamente, eles nos tocam, nos afetam.

Atrevidamente, sem pedir licença, porém, educadamente, passeiam em nós pra lá e pra cá, germinando estados intensos desconhecidos, gerando fluxos de sensações. Cutuca nossos bichos, os faz gritar, aguça nossos sentidos nos obrigando a ouvi-los e, assim, os deixamos morrer e outro nascer.

Alguns não gostam dessas amalgamações. Eu particularmente, acho incrível, de uma riqueza sem fim, não sabemos onde começa e onde termina, se é contação de histórias, se é performance, se é terapia, se é tudo isso. O que importa isso? Para mim o que importa é a relação humana que a narração de histórias promove e a potencialização da audição dos nossos eus, do nosso corpo bicho, do outro e do mundo, nos transportando para além da nossa percepção e dos nossos sentimentos, ou seja, para além daquilo que podemos captar ou alcançar através do sentido racional, fazendo-nos inventar um novo sentido que nos ajuda a nos situar.

Ademais, há na narração de histórias uma potência performática e poética que pulsa e conduz fluxos e solicita encontros. Encontros com o outro, com o mundo, e consigo, nos faz ouvir nosso corpo bicho e nos ajudam a ressignificarmos e nos situarmos no mapa da nossa existência.

FECHANDO A MALA

As histórias chegam para nós e em nós do jeito que tem que chegar, para alguns é apenas entretenimento, ou meio educativo, ou meio de se curar, ou tudo isso, ou nada.

Tentar definir ou decifrar *como, porquê, onde e quando*, pode nos levar a enquadrar algo que está além da nossa capacidade, como a história do menino que foi a praia pela primeira vez e ficou tão maravilhado com a imensidão do oceano que encheu seu baldinho de plástico com a água do mar e disse: - mamãe, peguei o mar.

O que há no meu baldinho, ou melhor, na minha mala são essas experiências que fortalecem em mim a certeza de quando ouvimos, no sentido já explicitado nesse trabalho, somos peculiares em conjunto num momento só nosso, ou seja,

somos todos e um, pois o momento da escuta numa relação humana somos só nós e a nossa imaginação, o estranhamento, o maravilhamento, a partir do outro, de nós, das palavras audíveis e inaudíveis, do espaço, da presentificação.

Atualmente sinto-me, como Lygia Clark, na fronteira, onde enxergo a narração de histórias como geradora de infinito abastecimento interno, indicador de caminhos e de estruturação do Self.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JULIANO, Jean Clark. A arte de restaurar histórias: Libertando o diálogo – São Paulo : Summus, 1999.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha, 2001 - Tradução de GERALDI, João Wanderley. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística.

ROLNIK, Suely. Subjetividade em Obra: Lygia Clark, artista contemporânea. São Paulo, 2002.

ROLNIK, Suely. Híbrido. Arte Cura?. PUC – São Paulo. Disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Hibrido.pdf>

Data de acesso 21/nov/2016

ZUMTHOR, Paul. A Letra e a Voz: a “literatura” medieval. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira – São Paulo, Companhia das Letras, 1993.